



EM GUARDA

*Defenda a fé cristã
com razão e precisão*

PREFÁCIO DE LEE STROBEL

WILLIAM LANE CRAIG

AUTOR DO BEST-SELLER APOLOGÉTICA CONTEMPORÂNEA

Aos defensores



SUMÁRIO

Prefácio por Lee Strobel	9
1. O que é apologética?	13
2. Que diferença faz se Deus existe?	31
3. Por que as coisas existem?	59
Interlúdio pessoal: a jornada de fé de um filósofo (Parte 1)	73
4. Por que o universo começou?	79
5. Por que o universo está precisamente ajustado com a vida?	115
6. Podemos ser bons sem Deus?	139
7. E o que dizer do sofrimento?	163
Interlúdio pessoal: a jornada de fé de um filósofo (Parte 2)	195
8. Quem foi Jesus?	203
9. Jesus ressuscitou dos mortos?	243
10. Jesus é o único caminho que leva a Deus?	293



PREFÁCIO

POR LEE STROBEL

Em minha opinião, William Lane Craig está entre os melhores defensores da fé cristã de sua geração. Com títulos de doutorado em filosofia e teologia, uma mente aguçada e incisiva, e um coração apaixonado de um evangelista, ele viaja pelo mundo afora para debates com ateístas ardentes e articulados. Invariavelmente, os argumentos desses ateístas murcham em face das evidências afirmativas de Craig a favor da existência de um Criador e da verdade da fé cristã.

Por exemplo, em 2009 ele debateu com Christopher Hitchens, autor do campeão de vendas *God is not Great* [Deus não é grande] e um dos chamados “quatro cavaleiros do novo ateísmo”. Craig construiu uma impressionante argumentação em favor da existência de Deus — uma argumentação que Hitchens não conseguiu refutar — e ao mesmo tempo expôs com habilidade a retórica vazia de Hitchens. Sabe qual foi o resultado? Veja como um comentarista ateísta resumiu o evento: “Francamente falando, Craig deu uma surra em Hitchens, como quem repreende uma criança tola”.

Encontrei Craig pela primeira vez há alguns anos, quando um amigo meu, que era um orador de âmbito nacional ligado à organização American Atheists, Inc, me disse: “Não seria incrível se pudéssemos fazer uma defesa do ateísmo e o pessoal do seu lado pudesse fazer uma defesa do cristianismo, e deixássemos que a plateia decidisse por si mesma?”.

Agarrei na hora essa oportunidade. “Vá e me traga o melhor defensor do ateísmo que você conseguir — o seu melhor e mais brilhante ateísta”, disse eu. “Vou encontrar o mais forte e incrível defensor do cristianismo e assim teremos um duelo de mentes!”.

Os ateístas escolheram Frank Zindler, colega da renomada ateísta Madalyn Murray O’Hair e ex-professor de geologia e biologia. Para defender o cristianismo, escolhemos William Craig.

A imprensa — embasbacada pelo fato de que a igreja não estava com medo de confrontar as mais duras objeções por parte dos céticos — rapidamente espalhou a notícia. Logo comecei a receber ligações de estações de rádio do país inteiro. “Podemos transmitir esse debate ao vivo?”, eles me perguntaram. “Lógico”, disse eu. Para nosso espanto, logo tínhamos 117 estações de rádio para fazer a transmissão, de costa a costa.

Na noite do debate, o tráfico ficou congestionado em volta da igreja. Quando abrimos as portas, as pessoas correram para garantir seus lugares. Quando foi a última vez que você viu alguém correndo *para entrar* em uma igreja? No total, tivemos 7.778 pessoas presentes ao evento. A atmosfera estava eletrizada!

Craig abriu sua participação apresentando cinco poderosos argumentos em favor de Deus e do cristianismo. Primeiro argumento, a criação do universo claramente aponta para um Criador (“Tudo que começa a existir tem uma causa; o universo começou a existir, logo o universo tem uma causa”). Segundo argumento, a incrível sintonia do universo desafia a coincidência e dá mostras do trabalho habilidoso de um designer inteligente. Terceiro argumento, os valores morais objetivos são uma prova de que existe um Deus, uma vez que somente ele poderia estabelecer um padrão universal de certo e errado. Quarto argumento, as evidências históricas em favor da ressurreição — entre elas o sepulcro vazio, o relato de testemunhas oculares e a origem da fé cristã — estabelecem a divindade de Jesus. E quinto argumento, Deus pode ser conhecido e experimentado de forma imediata por aqueles que o buscam.

A despeito dos repetidos desafios de Craig, Zindler tropeça em defender positivamente o ateísmo. Em vez de defendê-lo, ele acusava que a evolução biológica “anuncia a morte do cristianismo”; que não havia evidências convincentes de que Jesus de fato existira; e



que a existência do mal é um argumento que contraria a existência de Deus.

Para espanto da audiência, Craig prontamente usou os próprios argumentos de Zindler contra ele mesmo. Apontou que se a evolução de fato existiu, a despeito de todas as difíceis probabilidades contrárias, então ela só pode ter sido um milagre, e, sendo assim, seria mais uma evidência em favor da existência de Deus!

Quanto à existência do mal no mundo, Craig disse: “Jamais foi demonstrada qualquer inconsistência lógica entre os dois enunciados ‘Deus existe’ e ‘o mal existe’”. Além disso, ele acrescentou, em um sentido mais profundo a presença do mal “na verdade demonstra a existência de Deus, pois sem Deus não haveria qualquer fundamento [moral] para chamar algo de mal”.

Ao final de duas horas de debate, pedimos que a audiência votasse. Uma porcentagem de 82 por cento dos ateístas, agnósticos e outros não cristãos concluíram que a evidência apresentada em favor do cristianismo fora a mais convincente. E veja só isto: quarenta e sete pessoas chegaram ao debate como ateus, e após ouvir os dois lados, foram embora acreditando na existência de Deus. E mais, nem uma pessoa sequer se tornou um ateu. A afirmação de que os cristãos têm uma vantagem injusta no mercado de ideias era impressionante: *Nós temos a verdade do nosso lado!*

Pode ser que você nunca debata com um ateu. No entanto, a Bíblia diz em 1Pedro 3.15 que *todos* os cristãos devem estar preparados para explicar a razão da sua fé, por que acreditam naquilo em que acreditam — e isso deve ser feito como Craig sempre faz, com mansidão e respeito.

Em um mundo em que a mídia vive tocando trombetas para as alegações dos céticos, batendo recordes de venda com livros de hawk-ateísmo, e muitos professores universitários parecem inclinados a destruir a fé de jovens cristãos, torna-se cada vez mais importante que todos nós sejamos capazes de articular os motivos pelos quais nossa fé faz sentido. É por isso que este livro é tão absolutamente vital.

Nestas páginas você conhecerá os argumentos mais convincentes em favor do cristianismo. E não somente isso, você também descobrirá como responder às objeções mais conhecidas que costumam ser feitas a esses argumentos. Verá que este livro é solidamente factual, encantadoramente pessoal e consistentemente prático, e acima de tudo convincente em sua defesa do cristianismo.

Portanto, devore este livro. Leia-o e releia-o. Sublinhe e destaque trechos dele. Faça anotações nas margens. Estude-o e debata-o com seus amigos. Familiarize-se com sua lógica e ensinamentos. Teste alguns dos pontos que apresenta com seus amigos ateus. No final, eis a minha profecia do que acontecerá: Você sairá dessas páginas fortalecido em sua fé e muito mais confiante em compartilhar Cristo com as pessoas.

Lee Strobel, ex-cético e autor de *The Case for Christ* [Em defesa de Cristo] e *The Case for the Real Jesus* [Em defesa do Jesus real].



CAPÍTULO 1

O QUE É APOLOGÉTICA?

Estai sempre preparados para responder a todo o que vos pedir a razão da esperança que há em vós (1Pe 3.15).

Na igreja em que frequento, em Atlanta, sou professor de escola dominical de uma classe que se chama “Defensores”, na qual dou aulas para cerca de 100 pessoas, que variam de estudantes do segundo grau a adultos mais velhos. Falamos sobre os ensinamentos bíblicos (doutrina cristã) e sobre como defendê-los (apologética cristã). Às vezes as pessoas que não frequentam nossas aulas não entendem bem o que fazemos nelas. Certa vez, uma senhora muito educada, uma típica dama do sul, ao ouvir que eu ensinava apologética cristã retrucou indignada: “Jamais pediria desculpas por minha fé!”.


Apologética significa uma defesa

A razão do equívoco cometido por essa senhora é evidente: “Apologética”, em inglês, soa como “pedir desculpas”. No entanto, a apologética não é a arte de pedir desculpas para alguém por você ser cristão! Ao contrário, “apologética” vem do grego *apologia*, que significa defesa, como a que se faz em um tribunal. A apologética cristã implica em fazer uma defesa em favor da verdade da fé cristã.

A Bíblia na verdade nos recomenda que tenhamos essa defesa pronta para oferecer àquele que nos pedir a razão de nossa fé. Assim como dois competidores, numa partida de esgrima, aprendem a se desviar dos ataques, bem como a atacar o rival, nós também

APOLOGÉTICA

A palavra *apologética* vem do grego *apologia*, que significa uma defesa, como a que se faz nos tribunais. A apologética cristã envolve fazer a defesa da verdade da fé cristã.



devemos estar sempre “*en garde*”. A passagem de 1Pedro 3.15 diz: “Estai sempre preparados para responder a todo o que vos pedir a razão da esperança que há em vós. Mas fazei isso com mansidão e temor”.

PARA DISCUTIR

Por que mansidão e respeito são essenciais quando estamos dialogando com pessoas que não são cristãs acerca daquilo em que cremos? Você já viu algum cristão dialogar sem mansidão e respeito? O que aconteceu?

Note bem a atitude que devemos assumir quando estivermos fazendo a nossa defesa: Devemos ser mansos e respeitosos. A apologética também é a arte de não fazer o outro lamentar o fato de você ser cristão! Podemos apresentar uma *defesa* da fé cristã sem nos tornarmos *defensivos*. Podemos apresentar

argumentos em favor do cristianismo sem nos tornarmos *argumentativos*, ou seja, briguentos.

Quando falo neste livro sobre a apresentação de argumentos em defesa da fé cristã é de vital importância que as pessoas entendam que com isso não quero dizer discussão, bate-boca. Jamais devemos bater-boca a respeito de nossa fé com alguém que não compartilhe dela. Isso apenas enfurece as pessoas e as afasta ainda mais. Como explicarei mais para frente, neste mesmo capítulo, argumentar em termos filosóficos não é o mesmo que discutir ou ter uma troca de palavras ásperas; argumentar é apenas apresentar uma série de enunciados ou premissas que levem a uma conclusão. E isso é tudo.

Ironicamente, quem tem bons argumentos na sustentação da sua fé se torna menos inclinado a bate-bocas e a sair frustrado da discussão. Já percebi que quanto melhores forem meus argumentos, menos beligerante eu me torno.

Quanto melhor for a minha defesa, menos preciso ficar na defensiva. Se você tem boas razões para aquilo em que crê e sabe as respostas para as perguntas e objeções que alguém que não é cristão costuma fazer, não tem motivo para se exaltar. Pelo contrário, você perceberá que estará calmo e confiante, mesmo quando estiver sob ataque, pois sabe que tem as respostas.



PARA DISCUTIR

Como você costuma se sentir quando alguém desafia aquilo em que você crê, como cristão, ou faz disso motivo de gozação?



Frequentemente participo de debates em universidades em torno de temas como: “Deus existe?” ou “Cristianismo *versus* ateísmo”. Durante a parte de perguntas e respostas, é comum alguns estudantes da audiência se levantarem e comecem a me atacar pessoalmente ou fazer um discurso agressivo. Percebi que minha reação a esses estudantes não é de raiva, mas antes de me sentir simplesmente pesaroso pelo fato de eles estarem tão perdidos, tão confusos. Se você tem boas razões para aquilo em que crê, então, em vez de sentir raiva, sentirá uma compaixão genuína pelos perdidos, que em geral estão tão desorientados. A boa apologética envolve falar “a verdade em amor” (Ef 4.15).

A apologética é bíblica?

Algumas pessoas pensam que a apologética não é bíblica. Elas dizem que você deve apenas pregar o evangelho e deixar que o Espírito Santo faça a sua parte! No entanto, acredito que o exemplo de Jesus e dos apóstolos afirma o valor da apologética. Jesus apelava para milagres e cumprimento das profecias para provar que suas alegações eram verdadeiras (Lc 25.25–27; Jo 14.11). E os apóstolos? Ao falar para outros judeus, eles apelavam para o cumprimento das profecias, para os milagres de Jesus e especialmente para a ressurreição a fim de provar que Jesus era o Messias. Tomemos, por exemplo, o sermão de Pedro no dia de Pentecostes, registrado no segundo capítulo de Atos. No versículo 22, ele apela para os milagres de Jesus. Nos versículos 25-31, ele apela para o cumprimento da profecia. No versículo 32, ele apela para a ressurreição de Cristo. Por meio desses argumentos os apóstolos procuravam mostrar aos outros judeus que o cristianismo era verdadeiro.

Ao falar para os que não eram judeus, os apóstolos procuravam demonstrar a existência de Deus por meio da sua obra na natureza (At 14.17). Em Romanos 1, Paulo afirma que apenas com base na natureza todo homem pode saber que Deus existe (Rm 1.20). Paulo também apelava para as palavras de testemunhas oculares da

ressurreição de Jesus para mais uma prova de que o cristianismo era verdadeiro (1Co 15.3-8).

Fica, portanto, claro que tanto Jesus quanto os apóstolos não temiam dar evidências em favor da verdade daquilo que proclamavam. Isso não quer dizer que eles não confiavam no Espírito Santo para trazer as pessoas a Cristo. Antes, confiavam que o Espírito usava os argumentos e as evidências deles para fazer isso.

PARA DISCUTIR

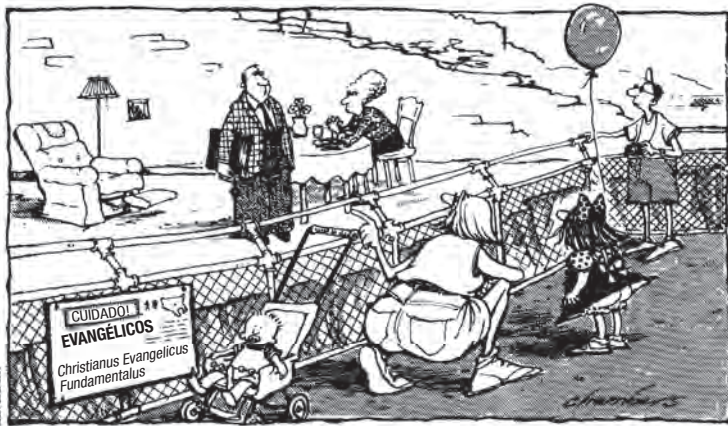
Que tipos de argumentos Paulo usa em Atos 17.22-31, para convencer os que não eram judeus de que o evangelho é verdade? De que modo os argumentos dele são semelhantes e diferentes dos argumentos usados por Pedro em Atos 2.14-29, quando ele falava para os judeus? O que você aprendeu sobre o papel da apologética no evangelismo?

Por que a apologética é importante?

É de vital importância que os cristãos de hoje sejam treinados em apologética. Por quê? Permita-me oferecer três razões para isso.

1. *Para influenciar a cultura.* Todos já ouvimos falar da chamada batalha cultural que acontece hoje na sociedade ocidental. Pode ser que alguns não apreciem essa metáfora militar, mas a verdade é que uma tremenda luta pela alma das pessoas está sendo travada exatamente agora. Esse esforço de guerra não tem matizes somente políticas. Traz também em si uma dimensão religiosa e espiritual. Os secularistas têm a tendência de eliminar do mapa a religião da esfera pública. Os chamados novos ateístas, representados por pessoas como Sam Harris, Richard Dawkins e Christopher Hitchens são ainda mais agressivos. Eles pretendem riscar totalmente do mapa qualquer forma de religião.

A sociedade ocidental já se tornou uma sociedade pós-cristã. A crença em um Deus genérico ainda é regra geral, mas crer em Jesus Cristo é hoje politicamente incorreto. Quantos filmes produzidos por Hollywood retratam cristãos de forma positiva? Em vez disso, quantas vezes já não vimos nesses filmes os cristãos sendo retratados como vilões superficiais, preconceituosos e hipócritas? Como a cultura de hoje vê os cristãos que creem na Bíblia?



O quadrinho acima retrata de forma pungente a percepção que a elite cultural da sociedade americana tem hoje dos cristãos: estranhas curiosidades a serem observadas com espanto por pessoas normais. Mas observe bem, eles também são considerados *perigosos*. Eles não devem ter acesso a posições de influência na sociedade. Talvez seja por isso que eles não chegam nem mesmo a ser cotados para possíveis cargos.

Por que essas considerações acerca da cultura são importantes? Por que nós, cristãos, não podemos apenas seguir a Cristo e ignorar o que acontece na cultura que nos rodeia? Por que apenas não pregamos o evangelho para esse mundo sombrio, às portas da morte?

A resposta é porque o *evangelho nunca é ouvido em isolamento*. Ele sempre é ouvido em contraste com o pano de fundo da cultura na qual nascemos e fomos criados. Alguém que tenha sido criado em uma cultura que olhe para o cristianismo com simpatia será aberto ao evangelho de um modo que outra pessoa, criada em uma cultura secular, não será. No caso de pessoas inteiramente secularizadas, dizer para crer em Jesus é como dizer para acreditar em fadas e duendes! É assim absurda que a mensagem de Cristo soa aos seus ouvidos.

Para perceber a influência que a cultura tem na forma como pensamos, imagine o que você pensaria se um seguidor da religião hindu ou um Hare Krishna, com sua cabeça raspada e aquela roupa

